

FOLIA DE SANTO



O projeto musical **Folia de Santo**, concebido pela musicista Alessandra Leão, que vem pesquisando o tema há cerca de 10 anos, reúne peças musicais da cultura popular brasileira relacionadas às práticas devocionais de diversas regiões do país. Benditos, louvações, excelências, romarias, novenas, ladainhas, toadas e invocações são alguns dos gêneros que serviram de inspiração para compor o seu repertório.

Visando levar até o público - principalmente aquele interessado em conhecer e valorizar as tradições musicais brasileiras, mas não só este - a riqueza e a diversidade do universo das festas e celebrações devocionais populares, foi concebido a montagem de um espetáculo musical itinerante e seu registro em um CD.

Depois da estréia, na Igreja de São Pedro do Clérigos (Pátio de São Pedro) em dezembro de 2004, dentro da programação do "Natal de Guerreiros e Reisados" da Prefeitura do Recife, o **Folia de Santo** vem realizando diversas apresentações na cidade e em eventos como o Festival de Inverno de Campina Grande e abertura da Feira de Artesanato de Caruaru. No natal de 2008, foi lançado o CD **Folia de Santo** e gravado o DVD do projeto (ainda sem data para o lançamento).

Esse projeto é formado pelos músicos Juliano Holanda, Maíra Macêdo, Moema Macêdo e Carlos Amarelo, além de Alessandra Leão. O CD, produzido por Alessandra, Juliano e Missionário José (José Guilherme Lima), contou com a participação dos músicos; Siba, Silvério Pessoa, Caçapa, Nilton Jr., Públius, Ivanildo Vila Nova, Tiné, Rudá e Bruno Vinezof.

“O Folia de Santo nasceu de uma grande admiração e de um profundo respeito pela música tradicional e pelo modo como ela pode nos “ligar” ao Divino de maneira leve e festiva - independentemente da casa religiosa da qual fazemos parte - e foi com o intuito de fazer parte dessa festa que passamos a compor esse repertório. Sejam todos bem vindos a nossa Folia!”

**Alessandra Leão.
Compositora, percussionista e cantora.**

À Guisa de Justificativa:

Texto: Guilherme Medeiros

Os vários brasis, representados pelos brasis caboclos, brasis crioulos, brasis sertanejos, brasis caipiras, brasis litorâneos, brasis sulinos, brasis urbanos têm alguns pontos de união, de comunhão. A língua portuguesa, com suas várias cores regionais, sotaques, temperos, é um desses elos; outro está alicerçado na espiritualidade cristã, construída através de séculos de mestiçagens entre as várias cores étnicas que foram amoldadas, amalgamadas na construção da sociedade colonial brasileira, através de um catolicismo diferenciado daquele que se queria transportar da Península Ibérica para a Colônia.

O papel da Igreja Católica na construção da sociedade colonial brasileira pode ter várias leituras, pois apresentou facetas muitas vezes ambíguas no decorrer da história. Se por um lado foi o repositório da “religião oficial”, como braço espiritual da Coroa Portuguesa, por outro lado desempenhou o papel de válvula de escape para as camadas da população mais oprimidas pelo poder colonial.

A construção de uma sociedade plural, no âmago da qual o poder dominante procurou manter as demais camadas submissas através de vários mecanismos, para permitir a manutenção do *status quo* possibilitou, por outro lado, a inserção de elementos culturais não-europeus nas estruturas milenares das práticas culturais da instituição católica, mesclando tanto ideologicamente quanto espiritualmente e construindo um catolicismo popular festeiro, capaz de dar lugar às várias camadas sociais, muitas vezes sem a intervenção mais direta de “autoridades”, dadas as dimensões imensas do país e do processo de colonização, alargado em dois eixos – o *temporal*, através dos mais de trezentos anos de colônia e o *espacial*, através de um país de dimensões continentais.

As festas religiosas representaram um dos eixos da vida social da colônia, funcionando como força de integração social, através das quais se procurou dissolver tensões criadas pela disparidade entre a elite, branca e abastada, e os escravos, negros e índios oprimidos, tendo entre esses dois extremos as camadas médias de mestiços ou pardos.

A miscigenação entre as matrizes étnicas e suas derivadas, como entre índios e brancos, os *caboclos*; entre negros e brancos, os *mulatos* e entre negros e índios, os *cafuzos*, foi criando o que viria a ser o povo brasileiro, segundo Darcy Ribeiro, grande estudioso e entusiasta dessa criação. Esses miscigenados procuraram um lugar ao sol na estrutura oficial e muitas vezes encontraram nas brechas da religiosidade popular o *locus* para exercer seu papel legítimo. Mas esse caminho não foi de mão única, pois assim como houve a “conversão” sincera de vários mestiços, também eles levaram sua cultura para dentro das práticas católicas, através de seus instrumentos, suas vozes, suas palavras, seus gingados. Também Gilberto Freyre destaca o papel dessas etnias e suas derivadas mestiças na composição da sociedade em construção, quando afirma a influência dos afros-descendentes no catolicismo que faz deliciar os sentidos, através do andar, da música e da fala.

Todos esses matizes de cores, de vozes, de tons luminosos e sonoros, estão presentes no projeto **Folia de Santo**. Apoiados mais uma vez em Gilberto Freyre podemos dizer que esse projeto procura trazer à tona mais uma das múltiplas faces do nosso povo, na busca de todos esses antagonismos equilibrados que parecem compor o infindável processo de formação de uma cultura, nesse caso a nossa, a brasileira.

Por fim, gostaríamos de destacar que se procurará através desse projeto não apenas homenagear as gerações passadas que contribuíram para a construção do que somos hoje, mas contribuirmos nós também, para a perpetuação desses conhecimentos e saberes acumulados ao longo dos séculos, respeitando as comunidades que cultivam ainda hoje essas tradições. Para tanto, procuraremos trabalhar com o estímulo e incentivo à pesquisa, à criação de novas oportunidades de apresentação e divulgação dos artistas e mestres tradicionais – e também dos novos talentos emergentes – bem como buscando a formação de platéia.

“As autoridades portuguesas, civis e militares, e seus representantes na colônia perceberam a importância das festas e diversões populares. Não lhes passou despercebido, igualmente, o poder de comunicação que exerciam entre os povos de diferentes culturas por eles dominados – índios e negros africanos – e, também, entre indivíduos de igual nacionalidade porém dominados social, política e economicamente.

Sob a ótica dos conquistadores europeus, interessava a integração e o domínio sobre os negros escravos e os índios, mantendo, assim, a paz e a ordem sociais. Para tanto, era necessário proibir e reprimir determinadas práticas culturais e crenças populares, mas também permitir que outras se expressassem. Estas últimas, no entanto, deveriam submeter-se a um processo paulatino de disciplina e domesticação que as enquadrassem nos chamados bons costumes. Junto a essas medidas repressivas ou regulamentativas, buscou-se organizar momentos, símbolos e mitos que promovessem o consenso e a integração entre os diversos e desiguais grupos e camadas étnico-sociais existentes na sociedade. As grandes festas públicas que animaram a vida sociocultural dos períodos colonial e imperial, mas principalmente do primeiro, representaram uma dessas tentativas de promover a integração social.”

Rita de Cássia Barbosa de Araújo
Festas: Máscaras do tempo

Equipe Principal:

Alessandra Leão: voz, percussão, direção musical idealização e coordenação.

Juliano Holanda: voz, violão e direção musical.

Maíra Macêdo: voz e cavaquinho.

Moema Macedo: voz, bandolim.

Carlos Amarelo: percussão.

Mery Lemos e Jô Maria: produção executiva.

Vânia Medeiros: ilustrações

Raquel Lima: assessoria de imprensa

Virtô Recife Produções

Jô Maria ~ Mery Lemos ~ Alê Leão

81 9244 9612 ~ 9614 5973 ~ 9195 2181

vitroproducoes@gmail.com

www.myspace.com/projetofoliadesanto

www.myspace.com/vitrorecifeproducoes

